



MEMÓRIAS DE JORNALISTAS
A NARRATIVA DE PROFISSIONAIS NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO
JORNALISMO BRASILEIRO

Vanderlei Dias de Souza¹

RESUMO: O trabalho pretende discutir a narrativa de jornalistas brasileiros, sobre a sua trajetória profissional, como possibilidade de construção do conhecimento da história recente do jornalismo. Para tanto, apoia-se na experiência da Atividade Complementar de Pesquisa e Ensino “Memórias de Jornalistas”, desenvolvida no Curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

PALAVRAS-CHAVE: *Memória; Narrativa, História do Jornalismo*

¹ Jornalista, Publicitário, Radialista, Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e professor universitário na Universidade Presbiteriana Mackenzie e na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação. E-mail: vander-dias@uol.com.br

Introdução

Levando em consideração as diferenças entre os focos prioritários de suas reflexões, é cada vez mais comum, evidente e necessário, um diálogo entre Jornalismo e História. Principalmente quando se tem em conta não só o fato de que, nos últimos anos, ambos empreenderam reflexões bastante singulares e inovadoras em suas áreas de conhecimento, mas, sobretudo, que tais singularidade e inovação deixam clara a centralidade da narrativa como categoria epistemológica fundamental a orientar o conhecimento de ambas as áreas. De tal modo que se pode afirmar que

a idéia de que a narrativa é algo que importa, desde que não estejamos a lidar com a ciência. [...] O radicalizar a pergunta pelo sentido e pelos limites da narrativa está fadado a criar uma perturbação maior porque então se atinge a noção compartilhada de ciência. (COSTA LIMA, 1989: 16)

O que Costa Lima ressalta, nessa afirmação, é que, nos dois campos do saber, as abordagens sobre a narrativa ainda se debatem com a cientificidade como horizonte e condição de autoridade e competência, como a prestar contas do racionalismo-objetivista que marcou de modo tão veemente a chamada Modernidade Ocidental. Por sua vez, tal horizonte, tanto numa área como noutra, tem implicado uma concepção instrumental da linguagem, cujo ideal seria uma relação de transparência com a realidade. Por último, que em ambas se afirma a necessidade de se proceder à interrogação sobre o *status* epistemológico da narrativa como possibilidade de ruptura com paradigmas que não se mostram mais suficientes para responder às complexidades inerentes ao contemporâneo.

Esta insuficiência torna-se evidente quando se considera que as atuais condicionantes históricas e tecnológicas, e suas possibilidades interativas e de sentido, implicam não só a falência do paradigma racional-objetivista, como o imperativo de uma construção lingüística e narrativa do acontecimento – histórico e/ou jornalístico – capaz de não obliterar suas dimensões polifônicas e polissêmicas, mas, antes, de se apresentar como a apropriação singular e plural que dele faz cada indivíduo, tomado, aqui, como representante e expressão de um coletivo pensante e sensível.

Para Paul Veyne “a história é o que é, não por causa de algum jeito de ser especial ao homem, mas porque se escolheu um determinado modo de conhecimento” (Veyne, 2008: 17). Resulta de tal perspectiva que a narração histórica não pode e nem

deve se restringir aos documentos, pois “nenhum documento pode arvorar a ser o próprio evento” (Veyne, 2008: 19). É uma perspectiva que se aproxima da narrativa jornalística, se se considerar suas diferenças em relação à narrativa histórica.

Neste contexto é que este trabalho pretende discutir a narrativa de jornalistas sobre a sua trajetória profissional, como possibilidade de construção da história recente do jornalismo brasileiro. É importante ressaltar que se trata de uma narrativa individualizada, singular, que, espera-se, sirva como esteio de uma universalidade: o conhecimento da história recente do jornalismo brasileiro. Para isso, apoia-se na experiência da Atividade Complementar de Pesquisa e Ensino “Memórias de Jornalistas”, do Curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, que tem como um de seus principais objetivos produzir um “banco de memórias” de modo a construir um mosaico da história recente da imprensa brasileira.

Pois, assim como na história, na narrativa jornalística e dos profissionais do jornalismo, deve-se considerar o fato de que a memória do profissional pauta-se por uma concepção do evento/acontecimento como algo que se destaca de um fundo de uniformidade, resultando, entretanto, como algo que acaba por se apresentar como um mosaico pleno de sentido. Portanto, para que o depoimento da trajetória singular de cada profissional possibilite um acesso ao mosaico do conhecimento da história recente do jornalismo brasileiro, faz-se necessário ter em conta que

3

aquilo que individualiza os eventos históricos não é precisamente a marca pessoal nem a “diferença de detalhes”, mas, sobretudo, aquilo que os eventos são: o fato de que acontecem num dado momento. A história nunca se repetiria, mesmo que vivesse a contar a mesma coisa (Veyne, 2008: 22)

Atividade Complementar – Desenvolvida desde o 2º Semestre de 2010, e integrando o elenco de Atividades Complementares do Curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, o Projeto “Memórias de Jornalistas” tem como objetivos principais: compreender a relação entre memória, narrativa e história, a partir de depoimentos de profissionais – que atuam e/ou atuaram nas últimas cinco décadas – sobre a sua trajetória profissional, como possibilidade de construção do conhecimento da história recente do jornalismo brasileiro, produzir depoimentos em vídeo de modo a contribuir para a documentação e registro da memória do jornalismo brasileiro; propiciar ao aluno um maior aprofundamento no conhecimento da história recente da imprensa, e compreender o papel da narrativa na construção da memória e da história de determinada configuração social, especificamente, neste caso, o jornalismo.

Atualmente, o projeto integra cerca de 30 alunos – entre o 2º e o 4º Semestres do Curso – agrupados em conjuntos de três ou quatro pessoas, que, sob a orientação dos professores responsáveis, desenvolvem as mais diferentes etapas. A metodologia do projeto – orientada primordialmente com o objetivo de produzir um “banco de memórias” dos jornalistas brasileiros – consiste num duplo e complementar movimento:

1) Após escolhidos os profissionais que competem a cada grupo, os alunos fazem um levantamento da trajetória profissional e da produção bibliográfica e/ou editorial de cada jornalista. Feito este levantamento, e após a leitura e fichamento de suas principais obras e das mais importantes coberturas e matérias jornalísticas, os alunos produzem o seu perfil, geralmente por meio de conversas informais com o profissional. É com base neste perfil, que se pauta pela relevância e papel que o profissional desempenhou na história recente do jornalismo brasileiro, que são elencados os principais eixos temáticos que orientarão a tomada de depoimento. Ou seja, parte-se da hipótese de que a narrativa individual representa um “feixe de luz” estrategicamente posicionado, que, dialogando, com os objetivos pesquisados, se ancora, sobretudo, na perspectiva metodológica da pesquisa etnográfica, especialmente nas técnicas de histórias de vida e dos papéis sociais.

2) Acompanhamento da gravação e edição da entrevista – que é realizada pelo prof. Vanderlei Dias de Souza –, e a decupagem do material. A gravação é realizada nos estúdios do Centro de Rádio e Televisão da Universidade Presbiteriana Mackenzie

A Sintonia entre a Academia e o Mercado – Para ilustrar as reflexões feitas neste trabalho foram escolhidos os depoimentos da jornalista e pesquisadora Cremilda Medina e da jornalista Maria Lydia Flandoli. Tal escolha orientou-se pelo fato de que representam papéis sociais um tanto distintos na suas trajetórias profissionais: a primeira constrói um percurso profissional que parte de uma atuação mercadológica para, num determinado período se conjugar com a trajetória acadêmica, resultando numa opção exclusiva pela pesquisa e experimentação sobre as possibilidades narrativas e coletivamente autorais do jornalismo. A segunda tem uma trajetória fortemente marcada por uma atuação mercadológica, além de não ter como ponto de partida de sua atuação jornalística a formação acadêmica específica em Comunicação Social e/ou em Jornalismo – sua primeira graduação é em Serviço Social – e de se considerar a primeira mulher a atuar como comentarista no radiojornalismo brasileiro.

Mesmo sem a pré-determinação de fixar eixos temáticos para as entrevistas – de modo a conceder aos entrevistados a liberdade e controle temporal e temático da narrativa de sua memória –, no caso das duas jornalistas, percebeu-se que, basicamente, quatro eixos temáticos se destacaram nos seus depoimentos. Tais eixos são apresentados a seguir, já com as citações de trechos dos seus depoimentos.

A) Como contam a história da imprensa no período inicial de sua atuação

Cremilda Medina:

Eu sou de uma geração, a geração 60, justamente a geração que vai dar a virada... A geração que representa a entrada da mulher na universidade, não apenas no jornalismo, jornalismo até menos, mas em 60 é a virada, a ascensão da mulher profissionalizada. (MEDINA, 2011: depoimento)

Maria Lydia:

E nesse mesmo ano (1980, quando a Marília Gabriela fazia o programa TV Mulher) o diretor da Rádio Jovem Pan, Fernando Vieira de Melo – eu havia dado uma entrevista para a Jovem Pan, a minha área era a psicologia da educação, e ele ouviu e quis me conhecer. Aí ele me convidou para ser comentarista no Jornal da Manhã. Então efetivamente, eu fui a primeira mulher comentarista de notícia no radiojornal. Foi uma experiência muito importante essa, da mulher opinar, porque tinham mulheres

repórteres, editoras, com outras funções no jornalismo, mas numa equipe masculina. Então foi um espanto para os homens. (FLANDOLI, 2011: depoimento)

B) Como vêm a sua atuação nesta história

Cremilda Medina:

Meu diploma de jornalismo é de 31 de março de 64, tá lá escrito... Não posso fugir a esse estigma. [...] A revista do Globo foi o meu primeiro emprego. Fui como estudante de jornalismo querendo fazer aquilo que eu sempre quis e continuo querendo que é ser repórter. [...] No Estadão, seguidamente um trabalho específico de uma editoria mobilizava aqueles da minha equipe, porque eram aqueles que eram capazes de fazer uma reportagem mais a fundo e uma autoria de texto mais consistente. A minha equipe fugia totalmente das fronteiras entre editorias” (MEDINA, 2011: depoimento)

Maria Lydia:

Eu entendo que a função do âncora se diferenciava da função do apresentador, porque o apresentador era, na televisão, o leitor do *teleprompter*. E o âncora poderia externar a opinião sobre o fato. Mas é uma análise que não é exclusivamente um “eu acho”, é a busca de variáveis que compõem o fato, e a comparação dessas variáveis com outras referências que tenham a ver, levando a uma determinada conclusão; que não é terminal. [...] Eu discordo que não se deva dar opinião na TV por ser uma concessão, a opinião é sempre uma referência a mais para uma reflexão de quem está ouvindo. [...] Quando eu fui contratada na CBN eu já fui advertida claramente que eu não dava opinião. Eu podia montar o programa com a minha produção do jeito que eu quisesse, chamar quem eu quisesse. Entretanto, eu não ir dar a minha opinião, fazer um editorial do programa, nada disso. [...] Eu acho que não existe jornalista que não tenha opinião, que não transmita a sua opinião, todo discurso é opinativo, todo discurso tem texto e subtexto. A comunicação é múltipla, ela não está apenas naquilo que claramente foi expresso, você pode entender o subtexto (FLANDOLI, 2011: depoimento)

C) Momentos importantes que destacam no período de sua atuação no jornalismo

Cremilda Medina:

Na condução da Agência de Notícias (ECA-USP), seguidamente eu era chamada na direção da escola porque havia lá um diretor, que era um braço da repressão. Manuel Dias. Ele fazia o serviço sujo de articulação com o DOPS, então, praticamente às segundas-feiras eu já contava com o chamado da direção, que vinha com algum recado do DOPS, mesmo porque havia alguns estudantes que eram informantes, chamados informantes “qualificados”, que prestavam serviço. O diretor me disse que eu estava ensinando a reportagem para burlar o sistema. A reportagem “contra o sistema” era como a reportagem pode interpretar a realidade, o jornalismo “interpretativo”, que é muito diferente do chutômetro do jornalismo opinativo. [...] Eu fui voltar (para a USP) em 85. Voltei coincidindo com toda a fase de abertura. [...] Zé Marques de Melo já tinha sido anistiado, novamente ele me chama – eu estava no ‘Estadão’ – para dar um curso sobre edição, e eu tive o prazer de acompanhar, com os alunos da época, que já eram profissionais jornalistas aqui em SP, a fase toda da abertura e de toda aquela história (MEDINA, 2011: depoimento)

Maria Lydia:

Nesses 20 anos (Na TV Gazeta) eu fortaleci uma imagem que vinha sendo construída, de prestígio, de credibilidade. A parte administrativa, salários, essas coisas eram bem resolvidas, mas a questão editorial, que é fundamental para a sobrevivência do jornalista, em termos de prestígio e credibilidade, eu tinha, que era a absoluta liberdade editorial. Jamais a direção da Gazeta perguntou quem eu ia entrevistar, que assunto eu ia tratar, que notícias íamos contemplar no jornal, nada, nada. Isso é precioso! (FLANDOLI, 2011, depoimento)

D) Visão da profissão e da formação profissional

Cremilda Medina:

A investigação, a reportagem, a busca consistente de um rumo na democracia, depende de um profissional que faça esse trabalho. Esse trabalho não é feito nem por um advogado, nem por um médico; é feito por um jornalista. As universidades não estão ameaçadas pela regulamentação, o diploma será cada vez mais valorizado na medida em que elas responderem a esse desafio de um autor extremamente competente pra fazer a mediação democrática, a mediação social. Não é fácil fazer esse trabalho porque ele depende de uma atitude, de uma visão de mundo, de uma técnica que é da dialogia; do diálogo social. Para sermos dialógicos, realmente temos que estudar a vida inteira. Nem graduação nem Pós-Graduação dão conta do recado, é um projeto permanente de aperfeiçoamento. (MEDINA, 2011: depoimento)

Maria Lydia:

Acho que toda experiência vivida faz o diferencial do profissional (sobre a sua primeira formação, Serviço Social). Eu não tenho dúvida que a minha percepção, o meu olhar para o social, para o comportamento, que é onde eu centrei muito a minha análise, pois tudo isso tem um vínculo muito forte com a minha formação inicial, eu acordei para a vida através do Serviço Social. Eu não enxergava com muita clareza o Brasil de tamanha diferença. Então eu tenho certeza que essas duas graduações me ofereceram recursos para desenvolver um olhar para o País, para as relações interpessoais, para a política, para a economia, para tudo, sempre na base do social. Tem uma relação muito forte, sim. (FLANDOLI, 2011: depoimento)

8

Considerações Finais

Diante deste trabalho constata-se que a narrativa consiste numa trama com sentido, de modo que a narração da trajetória profissional do jornalista não se limita apenas aos relatos dos acontecimentos na forma de determinados tipos de notícias, pois ao narrar, ele não faz apenas uma mera apresentação de fatos, mas também, de sua trajetória profissional e a relação desta com a trajetória da imprensa brasileira. Assim, pode-se considerá-lo um “contador de histórias”. Para Sánchez

[...] debe hacer más: instaurar una peculiar relación entre esos hechos, disponerlos en una trama, como diría Aristóteles, para darles un sentido, para que resulten inteligibles o [...] simplemente legibles. De ahí que informar, de ordinario, signifique narrar. El periodista es un contador de historias con sentido (SANCHEZ, 1992: 54)

Segundo Sánchez, afirmar que o jornalista é um contador de histórias significa que não se pode esquecer que toda narração é uma versão, razão pela qual carece de sentido insistir em modelos narrativos aparentemente factuais e repetitivos, e que nem por isso deixam de ser uma versão.

Assim, para a construção de uma história do jornalismo brasileiro que se baseie não apenas na narração “oficial” dos veículos de comunicação, é importante que seja construída uma narrativa que não apague a memória individual, como fundamento da história, sobretudo, num momento em que se vive a absolutização do presente, como nos dias atuais. Há que se ter claro que “a arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana” (BOSI, 1994: 90).

Referências Bibliográficas

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. Ed. São Paulo, Cia das Letras, 1994.
- COSTA LIMA, L. **A Aguarrás do Tempo – Estudos sobre a narrativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- _____. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- SÁNCHEZ, F. J. El relato periodístico. El periodista como contador de historias. IN: **Estudios de Periodística (ponencias Del I Congreso de la S.E.P.)**. Madrid: Facultad de Ciencias de la Información/Universidad Complutense de Madrid, 1992; p. 49-56.
- VEYNE, P. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. 4. Ed. Brasília: Editora da UnB, 2008.